

Mandelstam - 224

## LEITORA

Uma senhora é bastante gentil para me escrever se queixando de que nem todo dia encontra a minha crônica neste canto do jornal.

"E' como se eu tivesse um encontro marcado com um velho amigo, e ele faltasse. E' verdade que às vezes você é meio cacete, ou diz coisas que me contrariam, mas ainda assim prefiro que escreva, e me desagrada, a que não escreva..."

Fico sinceramente grato a essa amiga desconhecida; tanto mais que mostra ser amiga das horas boas e das ruins. Há coisa de 22 anos, com poucas e pequenas interrupções, faço crônica diária em algum jornal; até hoje não consigo falhar um dia sem sentir um pequeno remorso. Devc ser a velha consciência de meus avós portugueses, honestos cumpridores do dever, que vem apoquentar o neto desorganizado e vadio. Não quero exagerar dizendo que o remorso doa, nem dure muito; apenas incomoda de leve, e passa logo, mesmo sem aspirina; os avós se recolhem às suas obscuras tumbas lusitanas e o neto sai por aí, entregue aos seus bebericos e devaneios noturnos.

Pior que isso é o sentimento, desgraçadamente frequente, de ter escrito uma crônica demasiado fraca ou ruim. Eu mesmo a leio no dia seguinte, para me castigar — o que, afinal de contas, é um jeito de ser solidário com os leitores; e a leio até o fim, com tôda a crueldade mental, o que certamente os leitores não fazem — nem mesmo a minha tão bondosa missivista. Vejam que muito o Braga sofre.

E falarei de outros sofrimentos, na esperança de apiedar a leitora que me censura. Um, eu penso que será comum a todos que limitam sua atividade literária a esta coisa afinal de contas somente para-literária que é a crônica de jornal, quando o é. E' um sentimento, talvez ilusório, de que se não escrevesse assim às pressas, no dia-a-dia do jornal poderia escrever melhor — poderia, quem sabe, criar uma verdadeira e decente obra literária, algo de mais orgânico, mais condensado e mais forte que êste lero-lero ocasional. Que inveja eu tenho de um conto de Clarice Lispector, de um poema de Joaquim Cardoso ou Dante Milano, para citar apenas gente daqui, e da menos lida! Se eu tivesse dinheiro mandaria fazer edições de autores assim e daria o livro de presente a tôda pessoa que me fizesse um elogio que eu sentisse sincero — em um gesto de gratidão e de humildade.

"O Globo" 25.2.61

~~Fev. 61~~

Não estou fazendo fita, minha senhora; acredite que nesta fronteira do jornalismo com a literatura a gente sente um certo remorso quando obtem algum êxito. Talvez o cronista possa sentir algum legítimo consôlo pensando que, afinal, êle pode ser uma espécie de ponte entre os leitores que o admiram e os autores que êle admira. Lembro-me da vaidade que senti quando uma pessoa me disse ter comprado um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade por fazer fé em um elogio meu. A meia-literatura vale alguma coisa, se ela pode conduzir à boa literatura.

Enfim, minha senhora, cada um faz o que pode, e o que é bom mesmo na vida não é o que se faz, é o que se vive; o que vale na arte é que ela nos ajuda a viver mais intensamente. Ora, pois, vivamos. E como eu vivo de crônicas, pense isto a meu favor quando a minha crônica lhe agradar pouco, ou nada. Muito agradecido.

26/5/53

R. B.

398